

Faxina

O significado militar e civil

*Emílio Maciel Eigenheer**

Introdução

São poucos os trabalhos dedicados às contribuições das organizações militares (OM) para o estudo das práticas voltadas para os resíduos sólidos. Alicerçados nos pilares da higiene, garbo, tradição e disciplina, estes espaços têm dado uma relevante contribuição à História da Limpeza Urbana.

Coube, por exemplo, ao Exército Americano durante a Segunda Guerra desenvolver os aterros sanitários (Landfill).

During WWII, the economic and technical feasibility of sanitary landfill was much more clearly defined. The tremendous growth of new military bases, as the United States mobilized for war, made the methods for managing refuse an essential part of the war effort. Studies by the US Army determined that the sanitary landfill was adaptable to changing conditions and would accommodate varying quantities of refuse with little significant change in equipment need or operating procedures. The army also determined that the use of a heavy piece of equipment called a “bullclam” (a dozer with a moveable flap or blade that could form a bucket or basket to hold quantities of refuse or cover material

as the dozer moved across the fill) would allow for the movement of refuse and compaction upon placement and it also facilitated the movement, placement, and compaction of earth-cover material. The army also determined that for larger operations draglines and scrapers could be used for cut and cover. Based on these army findings, the landfill became the refuse method of choice at military bases. The influence of military practices no doubt led to adoption by civilian refuse operations. (HICKMANN e EDREDGE, 2016, p. 92)¹

No Brasil, por força da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei 12.305, de 2 de outubro de 2010, as organizações militares (OM) devem elaborar e implementar planos de gerenciamento de resíduos sólidos.

Em decorrência, primeiro, de sua tradição de limpeza, zelo e conservação de seus espaços e equipamentos, e segundo, por abranger todo o território nacional, abrigar milhares de pessoas das mais diversas camadas sociais e renovar anualmente significativa parte de seus membros, as OM estão em situação privilegiada não só para a elaboração e execução desses planos, como para sua disseminação. As OM podem, assim, incor-

* Doutor em Educação (UFF/99), professor associado da UERJ, pesquisador nas áreas de Resíduos Sólidos e de História da Limpeza Urbana e pesquisador associado do CEPHiMex. Fez estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (ECEME/16).

porar práticas, entre outras, de redução de resíduos sólidos, coleta seletiva, logística reversa e compostagem. O gerenciamento de resíduos sólidos é parte importante de uma agenda ambiental.

No caso do Exército Brasileiro, a ideia de ser ele uma escola cívica é antiga.

O exército do tempo de paz tornou-se então a escola em que os cidadãos aprendem o primeiro de seus deveres cívicos — a defeza da Pátria: e ahi adquirem hábitos de obediência, que vão depois reflectir-se beneficemente na disciplina social. (A DEFEZA NACIONAL, 1913, p. 37)
(N. da R.: Características originais do texto preservadas pelo autor.)

É importante, pois, buscar nas tradições militares elementos que facilitem o cumprimento da PNRS e sua ampla divulgação entre a população.

Regulamento Interno e dos Serviços Gerais – R-1 (RISG)

Tomando o Exército Brasileiro como referência, a leitura do seu RISG (de 19/12/2003) é suficiente para se fazer entender a eficácia dos serviços de limpeza nas OM (BRASIL. EXÉRCITO, 2003).

Cada setor (cozinha, refeitório, escritórios, dormitórios, enfermarias, paiol, oficinas) tem suas responsabilidades bem estabelecidas. As áreas comuns, por sua vez, ficam a cargo do pessoal do serviço de dia (sob a responsabilidade do cabo da faxina). São também garantidas a mão de obra e a fiscalização necessárias para a execução das atividades.

Basicamente não existem espaços nos quartéis para os quais não haja normas bem

específicas e claras para conservação e limpeza. Todos devem manter limpos seus uniformes e equipamentos bem como colaborar para a manutenção dos espaços comuns.

A limpeza geral e a conservação são parte das atividades de faxina, assim definidas no RISG:

Art.183 Faxinas são todos os trabalhos de utilidade geral, executados no quartel ou fora dele, compreendendo limpeza, lavagem, capinação, arrumação, transporte, carga ou descarga de material e outros semelhantes, regulados pela NGA/U.2 (BRASIL, 2003)

Em relação à destinação final dos resíduos sólidos urbanos, o RISG orienta que isto deve estar a cargo das prefeituras municipais, com as quais as OM devem manter os necessários entendimentos. Temos aqui um complicador, já que, em parcela considerável dos municípios brasileiros, a destinação final ainda é precária.

Também a implementação da coleta seletiva, prevista na PNRS, pressupõe ações dos serviços municipais e, de alguma forma no caso brasileiro, de cooperativas de catadores, assim como de um mercado comprador. A disseminação da coleta seletiva no país enfrenta dificuldades, principalmente pelos altos custos. Caso as OM queiram desenvolver esta ação, vão depender de compradores locais. A logística reversa, por sua vez, pressupõe sistemas coletores implantados pelas indústrias e, em alguns casos já opera com sucesso (óleo combustível, embalagens de agrotóxicos etc.). Em muitas OM, a coleta seletiva já foi implantada.

Seguindo uma tendência nacional, a

compostagem, apesar de sua importância como forma de tratamento de resíduos orgânicos, ainda é pouco difundida nas OM, podendo a introdução desta prática se constituir em mais uma decisiva contribuição das Forças Armadas.

Uma indicação de que o bom andamento das ações de limpeza e conservação nas OM provém mais de suas tradições do que do conhecimento de normas legais, está no resultado de pesquisa realizada em 2011 com fiscais administrativos encarregados de assessorar os comandantes de OM do Exército Brasileiro nas diretrizes da PNRS que indica que: 53% não conheciam a lei; 38% sabiam da sua existência, mas não a haviam lido; e 8% a tinham lido e a utilizaram (SANTANA, 2012).

Faxina

Neste trabalho, estaremos voltados para um tema bem específico na área da limpeza urbana, qual seja, da origem e dos diversos significados do termo “faxina” na esfera militar e civil. O objetivo é mostrar a importância da tradição militar para o entendimento de aspectos da História da Limpeza Urbana.

É significativo notar que o termo “faxina” nas Forças Armadas, como visto no RISG, possui significados diversos e mais amplos do que na esfera doméstica dos lares brasileiros, onde é usado basicamente como sinônimo de limpeza geral mais acurada.

O vocábulo designa originalmente um instrumento militar usado desde a antiguidade até, pelo menos, a I Guerra. O *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, em sua edição de 1881, data próxima ao final da



Fachina

Figura 1 – Faxina

Fonte: Lello Universal, [193-], vol. II, p. 1001

Guerra do Paraguai, indica:

Fachina (fa-xi-na), s.f. mólho de paus curtos ou ramos com que se entupem os fossos de uma praça ou se cobrem os para-peitos de uma bateria e que se empregam em usos nas campanhas militares, especialmente no ataque ou defesa das praças. // (Mil.) Serviço da limpeza da caserna, da conducção do rancho para as guardas e outros serviços d’esta natureza. // (Archict. civ.) Feixes de ramagem com que se entulham estradas, quebradas, pantanos sobre os quaes ha a fazer construcções, represas de aguas, etc. // Estar de fachina, fazer o serviço de fachina nos quartéis. // Tocar a fachina, chamar pelo toque de corneta ou tambor os soldados que no quartel devem fazer o serviço de fachina. // Lenha miuda, gravetos. // Fazer fachina, colher bom resultado ou proveito, provêr-se bem do necessario. // (Fig.) Estrago, destroço: Apanhou-o fóra e fez-lhe fachina no dinheiro. // (Bot.). Planta agreste da provincia de Pernambuco da familia das rubiaceas (*canthiumalongatum*). //--, s.m. o soldado que está encarregado do serviço da faxina. // F. lat. Fascina. (VALENTE, 1881)
(N. da R.: Características originais do texto preservadas pelo autor.)

A faxina sofreu modificações no curso do tempo, com a utilização de pedras e ter-

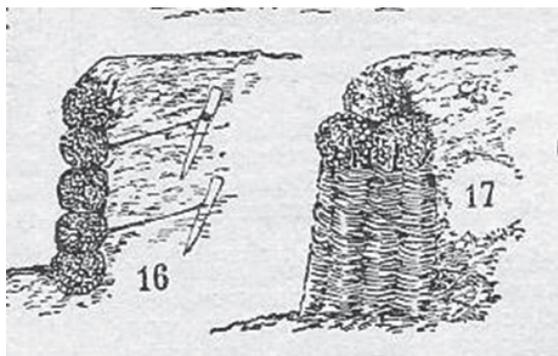


Figura 2 – Faxina em trincheiras
 Fonte: Lello Universal, [193-], vol. IV, p. 1267

ra no seu interior, ganhando assim eficácia operacional.

Os significados apresentados no dicionário, portanto, são basicamente militares, sendo o mais importante o que indica o feixe de paus de uso em campanhas. Em dicionários mais recentes, estes usos são mantidos, e o significado é ampliado também para a limpeza doméstica. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de 2001:

Faxina 1. conjunto de gravetos; lenha miúda 2. feixes de ramos, ou de paus, que nas campanhas militares serve para entulhar fossos, cobrir parapeitos de bateria etc., e com que se entulham terrenos a fim de fixá-los para construções 3. PE conjunto de varas flexíveis, trançadas, com as quais se constroem cercas 4. MAR MIL qualquer trabalho braças de interesse administrativo, marinho ou militar 5. (SXIX) serviço completo de limpeza; limpeza geral (mandou fazer uma faxina na casa). (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1315)

Como o instrumento militar já não é usado de longa data, acabou caindo no esquecimento, sendo hoje o significado de limpeza doméstica o mais empregado.

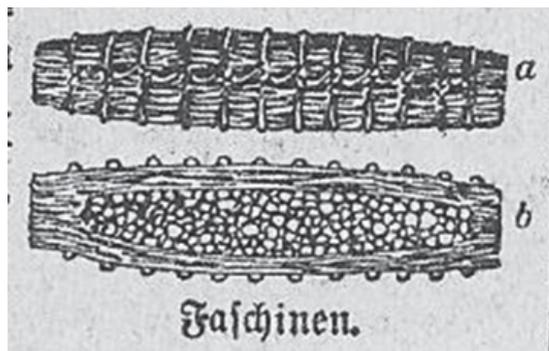


Figura 3 – Faxinas com pedras e terra
 Fonte: Brockhaus, 1923, vol. II, p. 18

Para compreendermos os usos ainda correntes do termo nas OM, inclusive o de serviços gerais, é necessário que nos voltemos à história militar. Se tomarmos como referência a Guerra do Paraguai, decisiva para a constituição do Exército Brasileiro (1860-1870), podemos mostrar a relevância tanto da faxina, quanto das inúmeras atividades dos faxineiros.

A importância das faxinas, ainda no século XIX, pode ser aquilatada no quadro *Vista do interior de Curuzú* (LOPES), onde se observa, registrado pelo artista, um amontoado delas, prontas para uso.

Além de produzir as faxinas, os faxinas ou faxineiros (soldados) tinham múltiplas funções: buscar madeira para fogo, armar barracas e barracões, fazer a manutenção e a limpeza do acampamento, recolher despojos no campo de batalha etc. Ou seja, os soldados encarregados de produzir as faxinas tinham também outras importantes responsabilidades. Para exemplificar este fato, o livro de Dionísio Cerqueira, que participou de quase todo o período da Guerra do Paraguai, é bastante ilustrativo.

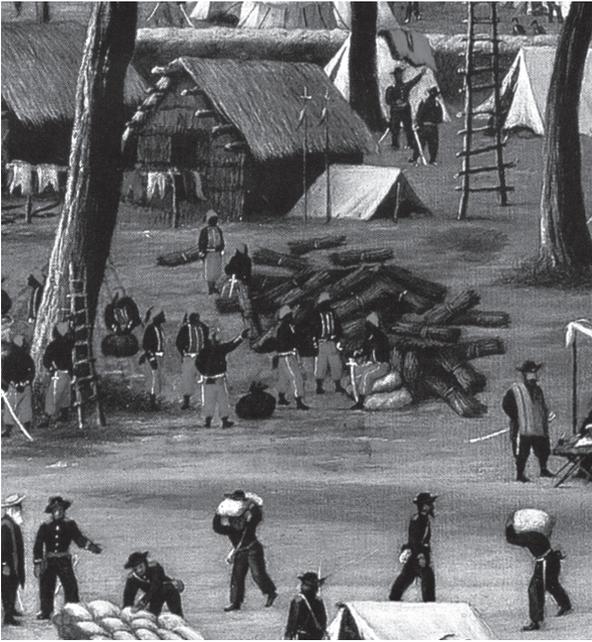


Figura 4 – Detalhe do quadro *Vista do interior de Curuzú*
 Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Argentina

Os soldados dobravam nas faxinas, cortando leivas onde havia gramados, tirando cipós para trançar cestões, arrumando ramúsculos e enfeixando salsichões, cortando madeira para ranchos e enfermarias, limpando os nossos reais, abrindo valetos para escoamento das águas e tudo mais que acudia à mente zelosa e sempre ocupada do chefe exemplar. (CERQUEIRA, 1980, p. 181)

No dia seguinte, bem cedo, saíram faxinas a enterrar os mortos e os canhões tomados ao inimigo, arrecadar o armamento esparsa pelo campo, recolher os feridos prisioneiros e inutilizar as carretas, que não fosse possível conduzir ou não valesse a pena fazê-lo. (CERQUEIRA, 1980, p. 329)

Deve-se notar que o termo é usado para designar ora o feixe de uso na campanha, ora os soldados, ora as diversas atividades por eles executadas.

Os faxineiros também tinham funções de apoio aos oficiais.

Reparti as minhas duas libras de mesada com o faxineiro, que o sargento me concedeu. Cozinhava a nossa boia e dava-me a metade, lavava-me a roupa, que não ia além de uma só muda, açacalava-me o armamento e cuidava do meu equipamento. Era um crioulo alto e musculoso, ginguando muito quando andava, com uma trunfa pontiaguda no alto da larga testa luzidia. Era muito limpo — fazia gosto ver a chapa do seu cinturão e os botões a reluzir. Afamado fabricante de cigarros, vendia-os aos oficiais. Gostava muito de cantar. (CERQUEIRA, 1980, p. 147)

Cabe ainda assinalar que, segundo um dicionário alemão (verbete *Faschinen*), de 1923, as tropas terrestres usavam na antiguidade uma faca curta e larga, portada lateralmente, chamada *Faschinenmesser*, usada principalmente para derrubar arbustos e produzir faxinas (BROCKHAUS, 1923).

Conclusões

Com as referências apresentadas, é possível compreender a extensão do uso do conceito de faxina, tal como empregado no RISG. O fato de o feixe não ser mais utilizado em ações militares reforça, portanto, o significado de **serviço geral**, indicando atividades que eram executadas pelos faxinas, incluídas aí as de limpeza.

Por outro lado, o significado civil de faxina como limpeza geral pode estar relacionado também ao fato de serem as vassouras antigas feitas de feixes amarrados a um cabo, assemelhando-se a uma faxina, sendo usadas tanto nas atividades domésticas como na limpeza urbana.

Vale lembrar também a relação da faxina com os Fascies, símbolo de poder dos cônsules romanos e também do fascismo.



Figura 5 – Vassoura, 1434
Fonte: HÖSEL, 1990, p. 48

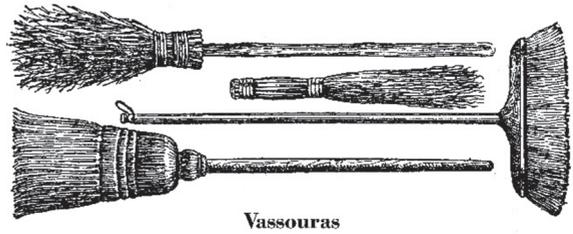


Figura 6 – Vassouras
Fonte: LELLO Universal, [193-], vol. IV, p. 1334

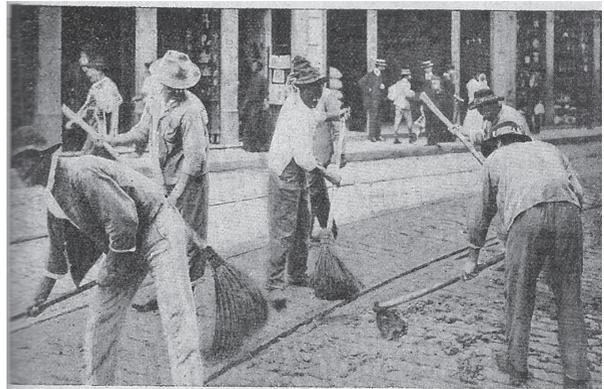


Figura 7 – Limpeza Pública
Fonte: LEITURA para todos, 1909, p. 83

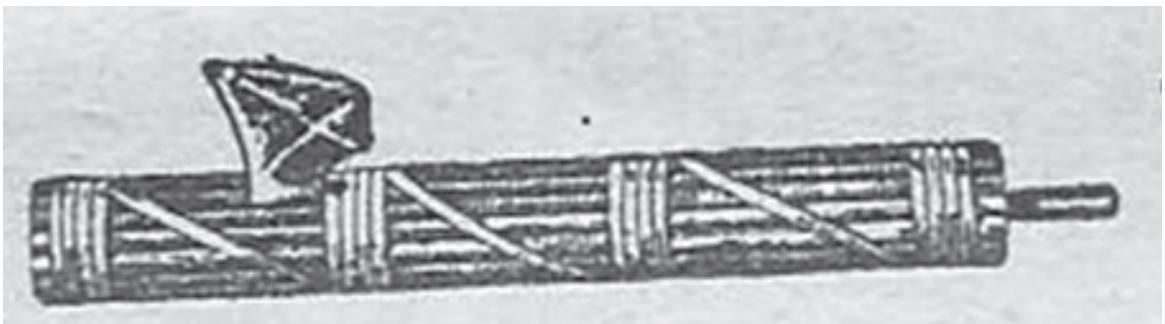


Figura 8 – Fascias
Fonte: LELLO Universal, [193-], vol. II, p. 1012

Resgatar a origem, a evolução, o emprego e a eficácia da faxina como instrumento militar secular, e também aclarar os diversos significados do conceito, interessa tanto à História

Militar como à História da Limpeza Urbana, com a contribuição de várias áreas do conhecimento. E, para isto, se torna necessária a realização de estudos interdisciplinares. 🌐

Referências

A DEFEZA NACIONAL, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, 10 nov. 1913. p. 37.

BRASIL. Exército. **Regulamento Interno e dos Serviços Gerais – R-1 (RISG)**, de 2003. Separata do: *Boletim do Exército*, Brasília, n. 51, 19 dez. 2003. 123 p.

BROCKHAUS-HANDBUCH des Wissens (in vier Bänden). Leipzig: F. A. Brockhaus, 1923. V. 2, p. 18.

CERQUEIRA, D. **Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980, p. 147, 181 e 329.

HICKMANN JR., H.L; EDREDGE, R.W. **A brief history of solid waste management in the US during the last 50 years**. Part 1. MSW Management, April 15, 2016.

HÖSEL, G. **Unser Abfall aller Zeiten**. München: Jehle Verlag, 1990. p. 48.

HOUAISS, A.; VILAR, M.S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEITURA para Todos, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 44, outubro de 1909, p. 83.

LELLO Universal em 4 volumes: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. Organizado e publicado pela Livraria Lello sob a direção de João Grave e Coelho Netto. Porto: Lello & Irmãos, [193-].

LOPES, C. **Vista do interior de Curuzú**. 1891. 1 original de arte, óleo sobre tela, 48,5 x 15,2cm. Coleção do Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires, Argentina.

SANTANA, A. J. A. de. **Estudo de adequação das Organizações Militares (OM) com as normas ambientais vigentes**: gerenciamento de resíduos sólidos. Rio de Janeiro: ECEME, 2012.

VALENTE, A.L.S. (org.). **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Tradução livre: Durante a Segunda Guerra Mundial, a viabilidade econômica e técnica do aterro sanitário foi definida de uma maneira muito mais clara. O tremendo crescimento de novas bases militares, enquanto os Estados Unidos se mobilizavam para a guerra, transformou os métodos de gerenciamento de lixo em elemento essencial do esforço de guerra do país. Estudos feitos pelo Exército dos EUA determinaram que os aterros sanitários poderiam ser adaptados às condições em mutação, podendo acomodar quantidades variáveis de lixo através de mudanças pouco significativas nos equipamentos e procedimentos operacionais utilizados. O exército também determinou que o uso de um equipamento pesado chamado de “bullclam” (um trator com uma aba móvel ou lâmina que pode formar um balde ou cesta para armazenar volumes de resíduos ou material de cobertura, à medida que o equipamento se move através de um aterro sanitário) permitiria o movimento dos resíduos e sua compactação após ele ser depositado, facilitando o movimento, a colocação e a compactação do material de cobertura. O exército também determinou que, para operações maiores, draglines e raspadores poderiam ser usados no corte e cobertura de terrenos utilizados como aterros sanitários. Com base nas descobertas do exército, o aterro sanitário se tornou o método de escolha das bases militares. Essas práticas militares sem dúvida levaram as organizações da sociedade civil responsáveis pelo descarte de lixo a também adotarem esse método.

² N. da R.: Normas Gerais de Ação da Unidade.